Representatividade, cultura pop e jornalismo: uma análise dos coletivos midiáticos Collant sem Decote e Minas Nerds

Christian Gonzatti
Francielle Esmitiz
Vanessa Scopel

RESUMO EXPANDIDO

O artigo se desdobra de um projeto de pesquisa que tem como foco estudar a produção e a circulação de conteúdos por coletivos midiáticos em contexto de movimentos em rede e os impactos desses processos na narrativa jornalística digital (AQUINO BITTENCOURT, 2015). A partir de observações e análises desenvolvidas para o projeto já mencionado, identificamos uma presença notável de conteúdos relacionados a questões de gênero, raça e sexualidades, o que nos motivou olhar para coletivos destinados a tratar dessas questões, obliteradas e tratadas de maneira preconceituosa[4], muitas vezes, pelo jornalismo (VEIGA E FONSECA, 2011).

A cultura pop está articulada, dentro de um cenário massivo, a lógicas de produções midiáticas que buscam desenvolver visibilidade a partir da construção de sensos de comunidade, afeto e identificação com os públicos (SOARES, 2015). O seu consumo foi, e ainda é, de certa forma, atravessado por imposições performativas aos gêneros (MAFFÍA, 2013): se for menino irá gostar de azul, jogar futebol e assistir desenhos de heróis, se for menina irá gostar de rosa, brincar de bonecas e assistir aos filmes das princesas da Disney. Alguns feminismos, em suas vertentes mais contemporâneas, como a teoria *queer* (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2014), tentam romper com essas barreiras, e outras mais complexas, que atravessam todos os campos sociais, políticos, econômicos e culturais. Há, no Brasil, diversos espaços jornalísticos destinados a produções noticiosas relacionadas à cultura pop, mas que acabam reproduzindo padrões não representativos. Assim, nos questionamos: como coletivos midiáticos articulam a representatividade de gênero, raça e sexualidade na cultura pop?

O conceito de coletivos midiáticos construído no projeto de pesquisa designa grupos que se organizam dentro e/ou fora das redes digitais, produzindo e fazendo circular conteúdos de forma desvinculada das mídias de massa. A emergência desses coletivos está articulada a uma noção de midiatização do ativismo, dentro de um cenário de

[4]Travesti é um termo utilizado para designar mulheres trans, as que não se identificam o gênero que lhes foi imposto ao nascer, no caso o masculino (LOURO, 2013). Como exemplo, trazemos uma matéria do G1 em que uma travesti é tratada pelo pronome masculino: https://goo.gl/vufRCP

convergência e mídia espalhável (AQUINO BITTENCOURT, 2015; JENKINS, 2006; JENKINS, FORD, GREEN, 2013), em que pessoas podem transformar tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos (FAUSTO NETO, 2008). Buscamos, então, entender a relação dos coletivos midiáticos Collant Sem Decote[5] e Minas Nerds[6] com a emergência de espaços representativos para questões da cultura pop subalternizadas pelos espaços jornalísticos que atendem a lógicas econômicas de publicidade e propaganda e não representativas em relação a questões de gênero, raça e sexualidade. A escolha dos objetos de referência emerge de uma pesquisa exploratória que buscou localizar coletivos midiáticos representativos qualitativamente na produção noticiosa em torno da cultura pop. A primeira parte do trabalho se desdobra sobre as questões de representatividade na cultura pop, a segunda sobre as potencialidades jornalísticas e sociais dos coletivos midiáticos e a terceira aborda a relação entre coletivos midiáticos, jornalismo e cultura pop a partir dos objetos já expostos.

Mapeando e identificando elementos de representatividade nos espaços jornalísticos na mídia de massa destinados a cultura pop e analisando os coletivos midiáticos Collant Sem Decote e Minas Nerds, a fim de entender as suas potencialidades narrativas, técnicas e estratégicas, buscamos refletir sobre as possibilidades jornalísticas e informativas dos coletivos tomados como objetos de referência. Por fim, entendemos que a cultura pop pode funcionar como materialidade discursiva para a desconstrução de normas e preconceitos enraizados na sociedade a partir da ação de coletivos midiáticos.

Referências

AQUINO BITTENCOURT, M.C.. As narrativas colaborativas nos protestos de 2013 no Brasil: midiatização do ativismo, espalhamento e convergência. **Revista Latinoamericana Comunicación.** Chasqui, v. 1, p. 325-343, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 2003: Civilização Brasileira.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Revista Matrizes**, n. 2, abril 2008. Disponível em: http://200.144.189.42/ojs/index.php/MATRIZes/article/view/5236/5260. Acesso: 21 set. 2016.

JENKINS, H.; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture**. New York University, 2013.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. NYU: Press, 2006.

[5] http://collantsemdecote.com.br/ Acesso: 21 set. 2016.
[6] http://minasnerds.com.br/ Acesso: 21 set. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho- ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MAFFÍA, D. Prólogo. In: NATANSOHN, Graciela (Org). **Internet em código feminino. Teorias e práticas**. Buenos Aires: lcrj futuribles, 2013.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SOARES, Thiago. Cultura Pop: Interfaces Teóricas, Abordagens Possíveis. **Intercom**, Manaus, AM, 2013. Disponível em: https://goo.gl/NNazuA Acesso: 21 set. 2016.

VEIGA, Márcia da Silva; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades: um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. **Verso e Reverso**, vol. XXV, n. 60, setembro-dezembro 2011. Disponível em: <https://goo.gl/KYk2Qm> Acesso: 21 set. 2016.